

ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA DENGUE NO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE – MINAS GERAIS, BRASIL

LAURA APARECIDA MARTINS DE MORAES¹; BIANCA CONRAD BOHM²; VITOR CAMPOS ASSUMPÇÃO DE AMARANTE³; MARIA HELENA FRANCO MORAIS⁴; FABIO RAPHAEL PASCOTI BRUHN⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – laura_m_moraes@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – biancabohm@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – vitor_amarante@hotmail.com

⁴Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte – mhfmoraes@yahoo.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – Fabio_rpb@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A dengue é uma arbovirose de caráter tropical (VIANA; IGNOTTI, 2013) causada pelo vírus *Flavivirus*, da família *Flaviviridae*, que é transmitido através da picada do mosquito infectado, predominando no Brasil a espécie *Aedes Aegypti* (SILVA et al., 2015). Os sinais clínicos são variados, sendo os mais comuns a hipertermia, cefaleia, anorexia, náuseas, vômitos, diarreias e erupção cutânea, quando evolui para a forma hemorrágica também pode ocorrer aumento de dor abdominal, hipotensão, prostração intensa e vômitos constantes (SILVA; SILVA, 2017).

Para diagnóstico presuntivo da enfermidade se avalia a epidemiologia, histórico clínico, anamnese e exame clínico, para o diagnóstico definitivo é utilizada sorologia para detecção de anticorpos, onde a presença de anticorpos IgG indicam memória imunológica e IgM indicam fase aguda da doença; já isolamento viral e PCR são mais utilizados em nível de pesquisa (XAVIER et al., 2014).

Entre os anos de 2015 a 2017 houveram epidemias de dengue no país (CAMPOS et al., 2018), o que mostra a necessidade de controle do agravo. A análise de dados advindos do Sistema Único de Saúde (SUS) é um meio para embasar as medidas de controle da doença. Assim, este trabalho tem como objetivo realizar a análise epidemiológica de casos de dengue no município de Belo Horizonte – Minas Gerais, no período de 2016 à 2019.

2. METODOLOGIA

O local de estudo foi o município de Belo Horizonte, situado no estado de Minas Gerais, Brasil. A população estimada em 2020 era de 2.521.564 habitantes (IBGE, 2020). Foi realizado um estudo epidemiológico observacional, a partir dos dados obtidos do banco de dados do Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), mantidos pela Gerência da Vigilância Epidemiológica (GVIGE) da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Belo Horizonte e trabalhados pelo Observatório de Saúde Urbana de Belo Horizonte/UFMG (OSUBH). Foram analisados os casos de dengue entre os anos de 2016 e 2019, e sua distribuição de acordo com os meses, faixa etária e sexo dos indivíduos.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Prefeitura de Belo Horizonte e da Universidade Federal de Pelotas, CAAE 35798920.8.0000.5317, estando de acordo com todos os princípios éticos e legislações vigentes de pesquisas que envolvem

seres humanos. Possui dessa forma a garantia do sigilo dos dados e uso apenas para pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O município de Belo Horizonte notificou 272.915 casos de dengue no período de 2016 à 2019. Os anos com maior incidência de casos foram 2016 e 2019. A dengue é uma doença sazonal, com maior ocorrência nos meses quentes, neste estudo verificamos que o número de notificações aumenta em Janeiro, tem seu pico no mês de março e então ocorre o declínio no número de casos, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1: Número de casos de dengue notificados em Belo Horizonte, MG, no período de 2016 a 2019 de acordo com os meses do ano.



A dengue, por se tratar de uma doença viral grave, de grande ocorrência no Brasil e no mundo, necessita, principalmente nas regiões tropicais, de atenção especial. Medidas de controle para abrandar a disseminação deste agravo é possível através do conhecimento de seu comportamento epidemiológico. A tabela 1 mostra as características epidemiológicas das pessoas acometidas pelo agravo.

Tabela 1 – Características epidemiológicas de casos de Dengue no Município de Belo Horizonte – MG, durante os anos de 2016 à 2019.

Sexo	N	%
Masculino	115198	42,3
Feminino	156956	57,7
Faixa etária		
Até 19 anos	67.269	24,7
20 à 40 anos	108.284	39,9
41 à 60 anos	68.814	25,3
Mais de 40 anos	27.414	10,1

Durante a análise dos dados observou-se maior casuística em indivíduos do sexo feminino (57,7%) em relação ao de sexo masculino (42,3%), como mostrado na Tabela 1, indo de acordo com os reportados por SILVA; SILVA (2017).

Em relação à faixa etária, indivíduos com idade de até 19 anos representaram 24,7% dos casos, os de 20 aos 40 anos foram maioria, com 39,9%; pessoas com 41 à 60 anos corresponderam à 25,3% dos casos e os com mais de 40 anos, 10%. Esses dados corroboram com os achados por FLAUZINO et al. (2009), em que a faixa etária é considerada fator de risco, onde indivíduos com idade economicamente ativa são mais afetados, visto que se expõem mais.

Em relação aos meses, os primeiros seis meses do ano (Janeiro à Junho) mostraram uma ocorrência exacerbada, de 98,4%, em relação aos seis últimos meses do ano (Julho à Dezembro), com 1,6%. Resultado semelhante ao descrito por VIANA; IGNOTTI (2013), que encontrou maior ocorrência do agravo nos primeiros quatro meses do ano, provavelmente por maior índice de precipitação pluviométrica e maior densidade larvária.

4. CONCLUSÕES

Os resultados observados expõem a significância da dengue como uma doença reemergente no país e, neste trabalho, em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde, segundo a Secretaria de Estado de Saúde, em 97,8% dos municípios encontraram mosquitos do gênero *Aedes aegypti*, principal transmissor dos vírus, exibindo necessidade de medidas de controle da enfermidade de forma constante.

Agradecimentos: O presente trabalho foi financiado pelo CNPQ, código de financiamento 433418/2018-4, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, J. M.; OLIVEIRA, D. M.; FREITAS, E. J. A.; NETO, A. C. Arboviroses de importância epidemiológica no Brasil. **Revista de Ciências da Saúde Básica e Aplicada**, Barbacena, v.1, n.1, p.36-48, 2018. Online. Disponível em: <https://repositorio.observatoriodocuidado.org/handle/handle/1486>

FLAUZINO, R. F.; SANTOS, R. S.; OLIVEIRA, R. M. Dengue, geoprocessamento e indicadores socioeconômicos e ambientais: um estudo de revisão. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington, v.25, n.5, p.456-461, 2009. Online. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rpsp/2009.v25n5/456-461/pt/>

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População estimada em 2020**, Belo Horizonte. Cidades e Estados, 2020. Acessado em 06 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-horizonte/panorama>

SILVA, I. B.; MALLMANN, D. G.; VASCONCELOS, E. M. R. Estratégias de combate à dengue através da educação em saúde: uma revisão integrativa. **Revista Saúde (Santa Maria)**, Santa Maria, v.41, n.2, 2015. Online. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revistasauade/article/view/10955/pdf_1

SILVA, M. A.; SILVA, A. R. S. **Perfil Epidemiológico da dengue no Brasil: revisão integrativa**. 2017. Trabalho de conclusão de Graduação – Curso de Graduação em Enfermagem, Centro Universitário Tiradentes – Pernambuco.

VIANA, D. V.; IGNOTTI, E. **A ocorrência da dengue e variações meteorológicas no Brasil: revisão sistemática**. Revista Brasileira de Epidemiologia, Mato Grosso, v.16, n.2, p.240-256, 2013. Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/TcbcTTkMKgRTnQySbSnpsCh/?lang=pt&format=pdf>

XAVIER, A. R.; FREITAS, M. S.; LOUREIRO, F. M.; BORGHI, D. P.; KANAAN, S. Manifestações clínicas na dengue: diagnóstico laboratorial. **Jornal brasileiro de medicina**, Rio de Janeiro, v.102, n.2. Online. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-712222>